

# Butantã

um bairro em movimento

---

**Butantã – um bairro em movimento**  
Copyright©Versal Editores Ltda., 2013

ISBN 978-85-89309-50-9

**PESQUISA**

Sur Ltda.

**Coordenação da pesquisa**

Emília Broide

Jorge Broide

**Pesquisa de campo**

Daniel Lomonaco

Julia Magalhães

Marina Decot Sdóia

**Texto da pesquisa**

Taeco Toma Carignato

**Pesquisa histórica**

**e edição do texto da pesquisa**

Ricardo Maranhão

**PESQUISA ICONOGRÁFICA**

Fernanda Carvalho

**FOTOGRAFIAS**

Edu Simões

**TEXTO FINAL**

Regina Echeverria

Tatiana Mendonça

**PROJETO GRÁFICO**

Rogério Escobar

**ILUSTRAÇÕES**

Nik Neves (mapa ilustrado do Butantã)

Karmo (trilha do Peabiru)

**REVISÃO**

Sandra Pereira

**CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Pancrom Indústria Gráfica

---

Patrocínio



**ODEBRECHT**

Apoio

**ODEBRECHT**  
Properties

Realização

Ministério da  
Cultura



# Butantã

um bairro em movimento

1ª edição  
São Paulo, 2013



## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste livro.

Em especial, aos moradores, empresários, trabalhadores e todos aqueles que se prontificaram a oferecer os seus depoimentos sobre o Butantã.

Merecem também nosso agradecimento a equipe de pesquisa da Sur Ltda., liderada por Jorge Broide e Emília Broide, que, com alegria, mergulhou nas histórias de pessoas do Butantã, o fotógrafo Edu Simões e o designer Rogério Escobar, que deram arte e beleza a esta publicação, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que nos brindou com um texto de sua autoria, e os técnicos da Pancrom Indústria Gráfica, que se dedicaram a imprimir esta obra.

Por último – mas não por menos –, manifestamos nosso agradecimento à Construtora Norberto Odebrecht e à Odebrecht Properties, na pessoa de Carla Barretto, que, com sua equipe, deu todo o apoio necessário ao projeto e tornou-se, mais que uma representante do patrocinador, uma entusiasta do livro e do bairro do Butantã.

**Versal Editores**



## APRESENTAÇÃO

Ao apoiarem a publicação deste livro, a Construtora Norberto Odebrecht e a Odebrecht Properties manifestam seu compromisso em atuar como agentes comprometidos com o desenvolvimento sustentável do Butantã.

Presentes no bairro a partir de 2013 e motivadas pelo desejo de resgatar a história do Butantã e projetar o seu futuro, as empresas fizeram questão de contribuir com este projeto editorial, desenvolvido por uma equipe multidisciplinar, que mobilizou moradores, comerciantes, empresários e personalidades locais, com o objetivo de conhecer a vida cultural do Butantã, sua paisagem, arquitetura e rota do saber.

Foram inúmeras histórias, contadas por moradores e trabalhadores, pessoas que transformaram a realidade e criaram vínculos profundos com este território. Pessoas que merecem o nosso profundo respeito e admiração.

Este livro constitui um gesto da Construtora Norberto Odebrecht e da Odebrecht Properties e um símbolo da nossa crença de que, no fundo, são as pessoas que formam e transformam as cidades.

Carla Barretto

Diretora da Odebrecht Properties

butantã

um bairro em movimento

**Ybytata.** O termo é tupi e significa “terra dura e socada”. Ao longo do tempo, ganhou variantes: Ybytantan, Ybytantã, Ubatatá, Ubutanta, Uyutantan, Uyatantan, Ubutatá, Botantan, Butantan, Butantã.

# Sumário

Butantã, território pulsante  
Emília Broide e Jorge Broide

17  
**Memória**

77  
**Vida**

137  
**Transformação**

Cidade solidária  
Paulo Mendes da Rocha



## BUTANTÃ, TERRITÓRIO PULSANTE

Emília Broide e Jorge Broide

Este livro foi construído de forma participativa. Envolveu a escuta de vários integrantes do Butantã, coletivamente ou em entrevistas individuais: moradores, comerciantes, trabalhadores, artistas, professores, estudantes, pedestres, pessoas que circulam e vivem no bairro. Às histórias e memórias presentes em acervos bibliográficos somaram-se ainda fotos atuais, que revelam um Butantã vivo, pulsante, sempre aberto a novas descobertas. Portanto, mais que se apresentar de forma definitiva, este livro abre-se aos necessários descortinamentos que o Butantã merece.

Butantã acolhe e abre vários caminhos. Butantã ou Ybitatá, “terra dura” – antigo caminho indígena do Peabirú, ponto de parada para bandeirantes e Jesuítas, reatualiza-se com a estação de metrô e com as expectativas geradas pelo incremento da urbanização. City Butantã, com suas ruas planejadas e belas residências. A USP, a mais importante universidade da América Latina, e o Instituto Butantã, um dos maiores centros de pesquisa biomédica do mundo, ambos lugares de produção de conhecimento, fazem parte também da memória afetiva dos antigos moradores da região, que associam a essas instituições alguns de seus momentos de lazer, como festas e partidas de futebol. Morro do Querosene, com sua importante atividade cultural, e a avenida Vital Brasil, com seu comércio, são espaços que se desdobram em vários tempos e que se interpenetram.

O livro trata de trazer à tona a história do lugar entremeada com as histórias de vida e memórias de pessoas que trabalham, moram ou frequentam o Butantã. A história não linear busca ressaltar as características advindas da escuta e do convívio com aqueles que deram seus depoimentos. As histórias são sempre parciais, ao emergirem no relato dos sujeitos, tomam vida e corpo, trazendo a implicação de cada um com o território, com o trabalho e com a transformação.

Antes de tudo, este livro é um convite ao futuro que surge das relações dinâmicas no espaço de encontro que é a cidade. Todos os entrevistados buscam o futuro, seja em sua vida pessoal, familiar, em seus negócios, em seus empreendimentos culturais, científicos, políticos, na mobilidade urbana do bairro, em seus espaços de lazer ou no encontro com o outro. Por isso dizemos que o Butantã pulsa. Pois, ali, há um passado que é presente e se projeta para o novo.







memória

## REMOTAS ORIGENS

A história desse pedaço do mundo, nascido às margens do rio Pinheiros, vem do século XVII. Foi quando os portugueses doaram a área que abriga hoje o bairro do Butantã, na zona oeste de São Paulo, a Afonso Sardinha, o Velho, português de nascimento e bandeirante minerador, um homem muito poderoso em sua época. Mercador e caçador de escravos índios, o Velho liderou, em 1590, a construção do Forte Emboaçava, para proteger a vila de São Paulo de Piratininga contra os ataques indígenas. Nesse mesmo ano, construiu uma casa no pico do Jaraguá e, seguindo pelas trilhas indígenas em direção ao local, criou, no meio do caminho, um assentamento de apoio logístico às suas incursões pelo sertão. Morto sem deixar descendentes (seu filho Afonso Sardinha, também conhecido como Moço, morreu antes dele), o velho doou suas terras aos jesuítas da capela Nossa Senhora das Graças, do Colégio e Igreja de São Paulo.

Os Jesuítas dividiram a área em 19 sítios e os arrendaram. Entre eles, estava o chamado sítio Butantã. Sua primeira ocupação foi em 1750, por Inácio Xavier Cesar, que perdeu o direito sobre as terras em 1759, quando os jesuítas foram expulsos da Colônia e de Portugal pelo Marquês de Pombal e tiveram suas terras confiscadas e vendidas a particulares. Até 1889, ano da proclamação da República, a área situada à margem da estrada de Itu, hoje avenida Corifeu de Azevedo Marques, passou por várias mãos, antes de ser finalmente vendida para o governo do Estado.

Na página anterior, aquarela de Edmund Pink, de 1823, mostra a Cidade de São Paulo vista de uma elevação à direita do Caminho de Itu.

Nesta página, reprodução do mapa elaborado durante a expedição comandada por Dom Luiz Céspedes Xeria, em 1628, que mostra o território paulista naquele ano.



## A TRILHA DO PEABIRU

A natureza de lugar de passagem marcou o Butantã desde o primeiro proprietário das terras desse lado do rio Pinheiros. Os mapas antigos mostram que a mítica trilha indígena Peabiru (termo tupi que significa caminho gramado amassado), que atravessava todo o continente sul-americano e conduzia às ricas cidades do império inca, passava pelo território que margeava o Pinheiros nas proximidades de seu afluente, o Pirajussara. Dizem os pesquisadores que o entroncamento situava-se na base do atual Morro do Querosene, onde a trilha se bifurcava, contornando o pequeno elevado, para se encontrar logo mais adiante e novamente se bifurcar, seguindo um ramo ao centro-oeste e o outro para os ricos aldeamentos de Guairá, no sudoeste do país.

O arquiteto e paisagista Julio Abe Wakahara, estudioso da trilha Peabiru, afirma que as rotas dos bandeirantes, dos tropeiros e, mais tarde, dos caminhoneiros, em direção ao sul do país, por onde se encontra hoje a rodovia Raposo Tavares (antes da construção da Régis Bittencourt), encontravam-se e fundiam-se nesse ponto com a ancestral trilha indígena.

## BANDEIRANTES

Ainda no final do século XVII, os bandeirantes iniciaram a busca pelo ouro, prata e esmeraldas nos atuais territórios de Minas Gerais e Espírito Santo. Nomes como Fernão Dias Pais, Manuel de Borba Gato, Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera), Bartolomeu Bueno de Siqueira e muitos outros povoaram a história brasileira, principalmente depois que um deles, Antônio Rodrigues Arzão, descobriu os primeiros veios de ouro em Minas Gerais em 1695.

Além deles, mercadores, com seus barcos carregados, que enfrentavam intempéries e cachoeiras, comercializavam alimentos, roupas, ferramentas, armas, pólvora, gado, escravos e outras mercadorias nos núcleos mineradores e povoados que se formavam ao longo do trajeto.

Na página anterior, ilustração de trecho da Trilha do Peabiru. Nesta página, desenho de Vallandro Keating recria armazém onde tropeiros comercializavam suas mercadorias.

## TROPEIROS

Muitos sertanistas utilizavam “tropas” de mulas para a sobrevivência nas selvas. Com carregamentos preciosos, atravessavam os rios Anhamby e Jeribativa (ou Jurubatuba), atuais Tietê e Pinheiros, passando pela fazenda Ybyatá. Tudo indica que esses sertanistas utilizavam a trilha indígena Peabiru e faziam parada em algum ponto ao redor do Morro do Querosene. Eram chamados de “tropeiros” e foram responsáveis pela formação da verdadeira infraestrutura da economia brasileira nos tempos coloniais, além de atravessarem mais de três séculos da história brasileira, chegando ao século XX.

Os tropeiros tiveram papel decisivo para a definição da natureza do bairro do Butantã, como precursores dos futuros canoieiros, carroceiros, caminhoneiros e ferroviários. A vila de São Paulo tornou-se passagem das tropas de mulas destinadas a Minas Gerais e Rio de Janeiro. Um dos seus caminhos mais antigos era o que passava pelo Butantã, cortava Taubaté e atravessava a Mantiqueira pelas gargantas do Sapucaí ou do Embaú em direção a Minas dos Cataguases.

Na página anterior, desenho de Vallandro Keating mostra tropeiros e mulas deixando São Paulo. Nesta página, tropeiros atravessam um rio em litogravura de Thierry Frères.

No tempo do tropeirismo, os entroncamentos e as paradas de descanso eram tão bem-vindos quanto os tropeiros. Além de transportarem alimentos, vestimentas, ferramentas e outras necessidades básicas, fomentando a integração das economias regionais, os tropeiros levavam notícias e novidades, promovendo integração cultural e processos de transformações políticas e econômicas. Tornaram-se focos de festas regionais, ao promoverem eventos relacionados ao seu folclore, culinária, vestimentas e comportamentos. Os tropeiros e suas mulas só desapareceram do cenário brasileiro muito lentamente, a partir das décadas de 1930 e 1940, com o desenvolvimento dos caminhões e da extensão das malhas rodoviárias por todo o território nacional.



## **Francisco Paulo Borges de Andrade, da Elétrica João Theodoro**

**“MEU AVÔ, O VELHO GUANABARA,  
FEZ UM NEGÓCIO MUITO VANTAJOSO  
NA ÉPOCA: TROCOU UMA GLEBA DE  
TERRA NA FAZENDA MORUMBI POR  
OUTRA, NO BUTANTÃ, À BEIRA DA  
AVENIDA VITAL BRASIL.”**

“Meus avós chegaram antes de 1915. Meu avô, Manoel Theodoro dos Santos, era imigrante português e começou a vida como vendedor de cerveja. Ganhou aqui o apelido de Guanabara, a marca da bebida que vendia, famosa na época. O velho Guanabara logo tornou-se uma figura conhecida e respeitada pela clientela local e passou a intermediar a compra e venda de terrenos na região. Foi assim que fez o negócio, muito vantajoso na época, que garantiu sua permanência por aqui: trocou uma gleba de terra que a família da sua mulher italiana, Ursulina Trasmontano, tinha na Fazenda Morumbi por outra no Butantã, à beira da avenida Vital Brasil. A vantagem era enorme, pois o Morumbi era uma área rural isolada, e o Butantã já tinha vias de acesso e começava a oferecer oportunidade para as pequenas casas de comércio.

Comecei a trabalhar na loja do meu avô aos 8 anos, assim como todos os meninos da família. Estudávamos e vínhamos trabalhar depois da aula. O “salário” eram doces. Aos 13 anos, eu já trabalhava de carteira assinada na loja que então pertencia ao meu tio e ao meu primo. A Manoel Theodoro dos Santos & Filho passou a ser Elétrica João Theodoro, e o comércio de ferragens e louças do avô evoluiu para materiais elétricos no final dos anos 1950, um ramo que sempre foi muito bom. Cheguei a gerente, tinha participação nos lucros e comprei a loja quando os donos se aposentaram, em 2007. A loja é muito tradicional e conhecida no bairro, com clientela formada por técnicos eletricitistas.

Nunca abri mão da qualidade. A profissão é boa. Conheço muito esse ramo de material elétrico, e os engenheiros querem um bom acompanhamento de seus serviços. Se estou preparado para transformações? Ninguém está. O comerciante age assim: aguarda, observa, espera. Quando enxerga um nicho, segue em frente.”



## O LONGO DESPOVOAMENTO

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a Vila de São Paulo diminuiu o seu caráter de entroncamento, o que não aconteceu com a área do Butantã. A região da margem esquerda do rio Pinheiros, nas proximidades do seu afluente Pirajussara, permaneceu praticamente despovoada durante três séculos, mantendo as mesmas características de entroncamento e local de passagem dos primeiros tempos coloniais. Os seus ocupantes, que começaram a chegar ao final do século XIX, brasileiros e imigrantes, agricultores e criadores, canoieiros e oleiros, profissionais de serviços e comerciantes, precisaram de forte obstinação para permanecer no lugar.

Planta da Cidade de São Paulo em 1916, levantada pela Divisão Cadastral da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal. Na trecho 9B do mapa, vê-se a localização periférica do Butantã em relação à cidade de São Paulo naquele período.

## AINDA INTACTO

Coberto por várzeas, o Butantã era caracterizado como zona rural, com pequenas fazendas e sítios sempre ameaçados pelas cheias do rio Pinheiros, chamado pelos índios de Jurubatuba ou Jeribativa (em tupi, “lugar com muitas palmeiras”). Antes de sua retificação, serpenteava como cobra indomável em meandros ladeados por várzeas, que variavam de um a três metros de largura, sempre sujeitas a inundações.

O “lado de cá” do rio parecia permanecer intacto, apesar da passagem dos tropeiros e dos carroceiros, que, com suas cargas, continuavam a movimentar a economia paulistana. São Paulo expandia-se por meio de loteamentos que transformavam as áreas rurais ou semirurais em urbanas. Mas a cidade ainda obedecia os limites demarcados pelos rios Tietê e Pinheiros e ao longo dos rios Anhangabaú e Tamanduateí.



## VIDA RURAL

Já constavam do mapa de 1905 do Município de São Paulo alguns núcleos populacionais além do Tietê – como Santana e Nossa Senhora do Ó –, no entanto, abaixo do rio Pinheiros, embora já houvesse uma ponte, a região continuava predominantemente rural. Enquanto o bairro de Pinheiros chegava às margens do rio e as antigas povoações de Embu, Cotia, Carapicuíba e Ibiúna alargavam-se com as pequenas propriedades dedicadas à agricultura em suas redondezas, o Butantã não era um polo de moradias. A razão era evidente: o rio em época de cheias lançava suas águas mais para o “lado de cá”, e, também, os seus afluentes, por não conseguirem espaço no grande rio, invadiam as suas margens.

Os poucos fazendeiros lá residentes, bem como os imigrantes que chegaram ao local nessa época, tinham que se valer o tempo todo de canoas, boa parte delas feitas à maneira indígena, de um só tronco de árvore.

Naquele Butantã do começo do século XX, além da produção de leite, criação de gado, pesca e um pequeno comércio, os moradores locais trabalhavam como carregadores e faziam transporte de pessoas e cargas por barco. Bondes, barcos, carroças puxadas por boi, cavalos e pequenos caminhões faziam parte do cotidiano dos trabalhadores.

Também nessa época, os rios forneciam a matéria-prima para as primeiras fábricas, ainda rudimentares, de materiais de construção.



## **Antonio Costa Noronha Tavares, o Bolinha, da panificadora Estrela do Butantã**

“VIEMOS, MEU TIO E EU, PARA O BUTANTÃ TRABALHAR NA PADARIA SÃO GERALDO. UM ANO DEPOIS, JÁ ÉRAMOS SÓCIOS, E CONTINUAMOS SÓCIOS ATÉ HOJE, MAS DE OUTRO ESTABELECIMENTO, A ESTRELA DO BUTANTÃ.”

“Vim de Portugal sozinho e com Deus. Como era menor de idade, tive que pedir autorização para o meu pai. Em 1957, com 17 anos de idade, desembarquei no porto de Santos. Vim para São Paulo para trabalhar. Morava com um casal de tios na Freguesia do Ó. Vim para o Butantã com meu tio trabalhar na Padaria São Geraldo. Um ano depois, já éramos sócios, e continuamos sócios até hoje, mas de outro estabelecimento, a Estrela do Butantã. O início foi de muito trabalho. Fui para rua. Entregava pão no IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas, numa época em que havia só o IPT, o reator atômico, e mais nada. Fui entregar pão na Cidade de Deus, em Osasco, para Amador Aguiar (fundador e presidente do Bradesco). Falava com esse homem todos os dias, às quatro horas da manhã.

Conheci minha esposa, filha de pai português e mãe espanhola, em uma das entregas. Estamos juntos, entre namoro e casamento, há 53 anos. Essa vida foi maravilhosa. A gente lutou, batalhou e viu o bairro crescer. Lembro das padarias que foram abertas na avenida Vital Brasil e já se foram: Vitória, São Geraldo, Padaria da Vital e Três Poderes. Apenas a Estrela do Butantã permaneceu, mas não foi nada fácil. Isso aqui é uma pauleira. Se precisar lavar pratos, eu lavo. Tem que botar a mão na massa. Se quiser ser dono do seu negócio, seja humilde e continue a luta.”

Familiares italianos e brasileiros do imigrante Guido Orlando.

## CHEGAM OS IMIGRANTES

No início do século XX, imigrantes italianos, portugueses e sírio-libaneses começaram a se instalar na região, particularmente ao longo da Estrada para Butantã (hoje, avenida Vital Brasil) e da Estrada para M'boi Mirim (Embu, hoje, avenida Francisco Morato). Mesmo assim, a urbanização não aconteceu de forma rápida. O bairro foi por muito tempo um misto de zona rural e urbana.

Outra forte imigração estrangeira para São Paulo foi a japonesa. Instalados desde 1915 em cidades vizinhas como Cotia e Ibiúna, onde se dedicavam à plantação de batatas, eles passavam pelo Butantã com suas pesadas carroças puxadas por bois a caminho do mercado de Pinheiros, onde a população ia abastecer suas cozinhas. A viagem de ida e volta durava até três dias, por causa do precário estado das estradas nas várzeas e das condições rudimentares do transporte. Mas os agricultores japoneses não se instalaram no bairro. O Butantã continuou sendo, para eles, via de passagem.

## EM RITMO DE CONSTRUÇÃO

Foram os imigrantes, principalmente os italianos, que criaram no Butantã as olarias onde trabalhavam famílias inteiras, preparando e modelando o barro, em processo coletivo de fabricação de telhas e tijolos. “No meio dessas várzeas todas havia muito barro para fazer tijolo, o que fez proliferar olarias em toda essa região da atual avenida Corifeu, ao longo dos rios Pirajussara e Pinheiros”, afirma o pesquisador Julio Abe.

Havia uma olaria na esquina da avenida Vital Brasil com a rua Alvarenga. Burros e até vacas eram usados para transportar telhas e tijolos. Com ajuda dos animais, os tijolos eram levados pelo rio até o porto de Pinheiros, no final da atual rua Paes Leme, onde chegavam todas as barçaças.

Nesta página, olaria, possivelmente na várzea do rio Tietê. Na página seguinte, porto de areia da rua Eugênio de Medeiros, em Pinheiros, na década de 1920.





## MIGRANTES NORDESTINOS

Os migrantes nordestinos começaram a chegar a São Paulo já no início do século XX. Mas a grande migração aconteceu de 1950 a 1980, quando São Paulo recebeu cerca de três milhões de novos moradores, do Nordeste e de outras cidades e outros estados brasileiros, atraídos pelo trabalho na indústria automobilística e em outros ramos.

Esses trabalhadores ocuparam primeiramente os bairros periféricos localizados ao leste e ao sul da cidade. Mas obras importantes, como a construção do Jockey Clube de São Paulo, em 1940, e das casas da City Butantã, nas décadas de 1960 e 1970, e a ampliação da malha viária atraíram trabalhadores para a região oeste. É nessa fase que chegaram ao Morro do Querosene os migrantes nordestinos e seus familiares, que se notabilizaram por tornar essa área famosa por seus trabalhos de arte e cultura popular.



## Gerson Lopes, barbeiro

“SÓ SAIO DAQUI DEPOIS DE MORRER. É UM LUGAR COM UMA TRANQUILIDADE MUITO GRANDE, ONDE AINDA SE PREZA A AMIZADE.”

“Quando eu era menino, gostava de jogar bola nas ruas de terra do Butantã, onde nasci. Depois vieram as avenidas asfaltadas e o crescimento do comércio. O movimento de pedestres aumentou muito depois da chegada do metrô.

Com isso, mais gente passou a frequentar o salão que herdei do meu pai. Trabalho aqui desde 1960. Acredito que a tendência é de que o bairro continue crescendo, com a chegada de mais construções, prédios mais altos.

Há 40 anos, vivo com minha mulher no Campo Limpo, mas não sinto muita saudade do Butantã porque estou sempre aqui trabalhando. Só saio daqui depois de morrer. É um lugar com uma tranquilidade muito grande, onde ainda se preza a amizade.”

## O RIO COMO REFERÊNCIA

Ao longo da primeira metade do século XX, o rio Pinheiros era lugar ideal para a prática de esportes como a natação e o remo. Moradores do Butantã e de Pinheiros e sócios do antigo Clube Germânia, hoje Clube Pinheiros, utilizavam-no bastante. Na foto, a equipe de natação do clube com o mestre Fillinger, em 1925.





## A COMPANHIA CITY

Em 1915, uma grande incorporadora internacional, a Companhia City, chegou para mudar a paisagem urbana paulistana. A empresa adquiriu no Butantã uma área de 2,3 milhões de metros quadrados, com a intenção de instalar ali uma cidade-jardim (*garden city*) semelhante ao que realizaria no Jardim América, Jardim Europa, Alto da Lapa, Pacaembu e em outros bairros da cidade.

Na foto maior, imagem aérea da região em 1950. Na foto menor, abertura de rua no Butantã pela Companhia City em 1942.

## LENTA URBANIZAÇÃO

À espera das obras de retificação do rio Pinheiros – que, juntamente com a retificação do rio Tietê, iria mudar a configuração da cidade – a City retardou as obras de loteamento. A retificação do rio Pinheiros começou em 1928, e a companhia disponibilizou, a partir de 1935, a venda dos lotes de apenas uma pequena parte da área total, cerca de 80 mil metros quadrados. A construção das residências na City Butantã só iria se intensificar a partir dos anos 1970.

Antes mesmo da retificação do rio Pinheiros e das obras da City, o Butantã já contava com uma pequena área urbanizada. Mapas da cidade de São Paulo na época mostram uma pequena faixa próxima à atual avenida Francisco Morato, com quarteirões e ruas demarcadas, entre as quais as ruas Pirajussara, Gerivativa e Catequese. A área onde se encontra hoje a City Butantã, delimitada pelos rios Pinheiros e Pirajussara e pela avenida Vital Brasil, está identificada no mapa de 1924 como um extenso “varjão alagado”. Na verdade, a existência pioneira dessa urbanização deve-se também ao importante pioneiro do bairro, o Instituto Butantan.









## Carlos Alberto Villela, despachante

“SOU DO TEMPO EM QUE AQUI AINDA SE VIA CARROÇA E BONDE. HOJE ESTÁ TUDO MUDADO, MAS CONTINUA SENDO UM LUGAR TRANQUILO.”

“Por mim eu nunca teria saído do Butantã, mas, quando me casei, fui para Carapicuíba. Fiquei dois anos lá, mas não gostei e tratei de voltar logo. Aqui nasci e aqui morrerei.

Eu era funcionário público, mas, há 16 anos, abri esse ponto para trabalhar como despachante. O que eu mais gosto no bairro é a formação do ser humano. São pessoas inteligentes, paulistanas e de outras cidades. É um ambiente alegre.

Sou do tempo em que aqui ainda se via carroça e bonde. Hoje está tudo mudado, mas continua sendo um lugar tranquilo. Sinceramente, não tem mais o que melhorar. Com o metrô, então, ficou 100%.”

## NASCE O INSTITUTO BUTANTAN

Em 1899, o médico imunologista Vital Brazil foi chamado por outros dois cientistas de alto nível, Emílio Ribas e Adolfo Lutz, que implantaram um laboratório (vinculado ao Instituto Bacteriológico), para combater o surto da peste bubônica que se manifestou no porto de Santos naquele ano. Temendo que a doença atingisse a capital do Estado, o governo convocou o Instituto Bacteriológico para tentar resolver o problema. A fazenda Butantan foi desapropriada pelo então Presidente de São Paulo, Coronel Fernando Prestes de Albuquerque, que iniciou as obras do Instituto. Seu diretor, Adolfo Lutz, mandou para Santos o assistente Vital Brazil, que, em pouco tempo, diagnosticou a doença e, com o médico Osvaldo Cruz, criou um plano para controlá-la.

Na página anterior, o local onde funcionou o Instituto Serumterápico, que foi o laboratório provisório do Instituto Butantan até 1914. Nesta página, vista aérea das instalações do instituto na década de 1930.

Em 1891, o laboratório separou-se da instituição original e, sob a direção de Vital Brazil, tornou-se o Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo, que daria origem ao Instituto Butantan, onde o médico desenvolveu o seu notável soro antiofídico. A história do Instituto Butantan, hoje um dos mais respeitados centros mundiais de pesquisa em biotecnologia, confunde-se com a história da modernização do Estado de São Paulo.

Nesta página, o médico Vital Brazil faz uma demonstração de extração de veneno de serpente. Na página seguinte, o serpentário do instituto na década de 1930.

## TERRA DE COBRAS

Ser “cobra”, para os moradores do bairro, é elogio. O epíteto inspirou o formato do maior bloco carnavalesco da região, o Bantantan, cujos integrantes se organizam para desfilar no formato de uma cobra. A alegoria deve-se à notável obra científica do Dr. Vital Brazil. Nascido na cidade mineira de Campanha, em 1865, estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e mudou-se para São Paulo, onde se dedicou a pesquisar e combater as pestes e febres das zonas rurais, além de se preocupar em salvar vítimas de picadas de cobra.

Desde 1909, o instituto fornece seu soro para o exterior e mantém convênios com entidades internacionais de pesquisa. As ruas internas homenageiam grandes pesquisadores mundiais, como Louis Pasteur, Walter Reed, Jean Guérin, Carlos Chagas, Lazzaro Spallanzani, Oswaldo Cruz, entre outros. O espírito aberto e universal do instituto trouxe para o Brasil uma série de conquistas científicas: em 1916, o soro antiescorpiônico; e, em 1928, a BCG oral contra a escarlatina e os estudos para a vacina contra a febre amarela, fabricada regularmente desde 1935. Com uma ação de amplo alcance social, o Butantan teve também participação decisiva na primeira vacinação em massa contra a poliomielite, em 1962.



## Rigomar Barbosa Pinto, o Manaus, da Bantantan

**“A BANTANTAN É A BANDA DO BUTANTÃ, A ÚNICA DA CIDADE DE SÃO PAULO QUE RELEMBRA OS VELHOS CARNAVAIS.”**

“Sou caboclo de Manicoré, um povoado às margens do rio Solimões, a três ou quatro horas de Manaus, dependendo das condições do rio. Fui para Manaus secundarista, na década de 1960, em plena explosão do movimento estudantil. Eu me engajei ali, fui vice-presidente da União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas e entrei para a política pelo PCdoB. Vim para São Paulo para o Congresso de Ibiúna, estava cursando o primeiro ano de Direito e fui fazer Sociologia e Política na General Jardim. Vim morar no Butantã e me engajei intensamente na militância pela redemocratização do país. O Butantã era *point* nas décadas de 1970 e 1980. Por causa da proximidade com a USP, era o lugar por onde as pessoas transitavam, lotavam os botecos, tudo era aqui. Fizemos as primeiras feiras culturais, muito bonitas. E tinha o bloco de carnaval Bantantan, que era quase um exército. A gente cantava Ivan Lins: ‘não põe corda no meu bloco, não precisa que organize o nosso carnaval’ e saía interditando a rua, como uma frente...

A Bantantan nasceu por intermédio do movimento político. Num primeiro momento, foi formada por professores, alunos e funcionários da USP. O crescimento obrigou a gente a lançar mão de uma estrutura maior, um carro de som potente, uma banda de 40 músicos. Mas ela surgiu assim: nós tomávamos todas, bebericávamos pra valer e saíamos batendo bumbo, cantando Chico Buarque de Holanda e parando para beber em todos os bares da avenida.

Hoje, a Bantantan é a banda do Butantã, a única banda da cidade de São Paulo que relembra os velhos carnavais. Aqui homenageamos Braguinha, Lamartine Babo, Adoniran Barbosa. Tornou-se uma coisa do bairro e familiar: velhos e crianças brincam com segurança. E não dá lucro, não tem ganhos. O dinheiro dos músicos quem paga é o Bolinha.”



## EDUCAÇÃO E ESPORTE

Até a implantação da USP, o Instituto Butantan foi a praticamente a única referência do bairro e razão do seu crescimento. Além do trabalho médico-científico, desenvolvia também atividades educacionais e de lazer. O Grupo Escolar Alberto Torres, ligado ao instituto, foi fundado em 1920, na antiga casa de Vital Brazil, e transformado em escola rural em 1932. A instituição foi uma das primeiras escolas mistas do Estado de São Paulo. A opção pela pedagogia rural partiu da compreensão de que o Brasil era um país fundamentalmente agricultor, e, portanto, a educação precisaria estar vinculada com a realidade nacional, formando bons agricultores, independentemente da classe social dos alunos.

Na página ao lado, o time de futebol do Instituto Butantan, em 1933, e, abaixo, o time do Clube Atlético Butantan. Nesta página, alunos e professores do Grupo Escolar Alberto Torres na década de 1930.



## **Aldo Malagoli, ex-jogador de futebol, da Chocolates Liverpool**

**“EU COMECEI A JOGAR NO CLUBE ATLÉTICO BUTANTAN. MEU PAI JÁ ERA SÓCIO, E MEU TIO TAMBÉM JOGAVA ALI. FOI MINHA ESCOLA ANTES DE IR PARA O FUTEBOL PROFISSIONAL.”**

“Cresci aqui, jogava bola no campinho do clube desde moleque. O Clube Atlético do Butantan foi fundado em 1922 e era frequentado por todas as famílias do bairro. Atraía também gente de Pinheiros e da Vila Madalena, porque não havia outros clubes nas redondezas, e o nosso tinha excelente estrutura: campo de futebol iluminado, quadra de basquete, bocha, quadras de tênis. Tinha também muito bailinho: a domingueira reunia toda a vizinhança. Não havia a televisão, os encontros no clube eram a diversão da rapaziada local. Uma das datas mais tradicionais eram as festas juninas. A gente fazia fogueira aqui na rua mesmo. Todos os vizinhos se juntavam, cada um levava uma coisa. Um levava pipoca, outro levava batata-doce, outro, pinhão. O pessoal enfeitava as carroças, seguia pela Vital Brasil e atravessava o rio Pinheiros.

A cidade de São Paulo tinha muitas várzeas onde se jogava bola. O Butantã, como não poderia deixar de ser, com várzeas por todos os lados, era famoso pelo seu futebol. Muitos times organizaram-se aqui: Clube Atlético Butantan, Vila Indiana Futebol Club, Esporte Club Estradas Modernas, Rebouças, time do Morro do Querosene, time dos Barqueiros do Rio Pinheiros, time dos Funcionários do Instituto Butantan, Grêmio Esportivo Estrela do Butantã, time do Jockey Club, Vital Brasil e outros.

Eu comecei a jogar no Butantan, meu pai já era sócio, e meu tio também jogava ali. Foi minha escola antes de ir para o futebol profissional. Dali, fui para o Juvenil da Portuguesa, para o antigo Comercial, que depois virou São Bento, e, então, para o Corinthians.”

Integrantes da Missão Francesa que veio a São Paulo para planejar a criação da USP reunidos com brasileiros que apoiavam o projeto.

## UM PROJETO DE CONHECIMENTO

O polo de conhecimento científico do Instituto Butantan foi um modelo inspirador para a implantação do projeto vizinho e igualmente ambicioso: a Universidade de São Paulo. Baseada no projeto europeu de universidade moderna, com foco em pesquisa e integração dos cursos, a elite intelectual paulista – entre cientistas, políticos e jornalistas – começou a pensar, na década de 1930, na fundação de uma cidade universitária. O projeto era integrar os cursos existentes naquele período, como a Escola Politécnica, Faculdade de Medicina e Faculdade de Direito, mas também garantir atenção à pesquisa e ao desenvolvimento do país.

Nesta página, o prédio do IPT – Instituto de Pesquisa Tecnológicas da USP – durante sua construção. Na página seguinte, formandos e professores das primeiras turmas da USP, na entrada da Catedral de São Paulo.

## USP: UM NOVO CAMINHO

A USP foi criada em um período em que São Paulo perdia a hegemonia política. A reação dos paulistas à Revolução de 1930, que ascendeu Getúlio Vargas ao poder, deu-se pelas armas em 1932 – na Revolução Constitucionalista – e não deu certo. Um projeto de hegemonia cultural era o novo caminho. E, assim, a Universidade de São Paulo foi fundada em 23 de janeiro de 1934.



## Clovis Ribeiro de Oliveira, músico

“ANTES O BUTANTÃ ERA UMA ESPÉCIE DE BAIRRO-DORMITÓRIO E HOJE É RELATIVAMENTE AUTOSSUFICIENTE. É UM LUGAR GOSTOSO DE MORAR, COM UMA GRANDE EFERVESCÊNCIA CULTURAL.”

“Antes de viver de música, fui ajudante de bar e trabalhei por mais de 10 anos numa imobiliária no Butantã. Nasci em Vitória da Conquista, na Bahia. Cheguei aqui em São Paulo ainda menino. Fui morar no Cambuci, onde aprendi a gostar de samba.

Quando ainda estava na imobiliária, começou um movimento de revitalização cultural do bairro. Cerca de 40 artistas se juntaram-se para transformar o prédio que seria um sacolão num centro cultural, que é hoje a sede da Casa de Cultura do Butantã. Como não tinha ninguém para assumir, eu me prontifiquei para ser o diretor, isso há cerca de 20 anos. Hoje, dou aulas de violão aqui.

Também faço parte do Fórum de Cultura do Butantã, que está sendo reativado para promover o resgate de artistas locais e manter vivas as referências culturais do bairro.

Antes o Butantã era uma espécie de bairro-dormitório e hoje é relativamente autossuficiente. É um lugar gostoso de morar, com grande efervescência cultural.”

## CIDADE UNIVERSITÁRIA

Com a USP, nasce a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), para cumprir o papel de integração e desenvolvimento do conhecimento em diversas áreas. Pouco tempo depois, é escolhido o terreno da Cidade Universitária, num total de 200 alqueires paulistas, e, na década de 1940, começa o processo de transferência de alguns departamentos para dentro do novo *campus*. Na primeira metade da década de 1960, período de maior investimento na infraestrutura da Universidade, o processo é intensificado. Em 1970, a maioria dos cursos de exatas e biológicas, que estavam divididos nos prédios da Maria Antônia e da Alameda Gleite, mudou-se para a Cidade Universitária.

Vista de prédios da USP, em primeiro plano, com a Cidade de São Paulo ao fundo.



## CLUBE DE PLANADORES

O *campus* da USP também ficava aberto aos céus. Poucos sabem, mas a Escola Politécnica e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) abrigavam um clube de planadores. A história do Clube Paulista de Planadores, fundado em 1934, está ligada a essas instituições, em cujos laboratórios alunos e professores desenvolviam projetos e construíaam aeronaves de madeira, quando ainda ocupavam as dependências do Edifício Paula Souza, na região da Luz. Para voar, usavam o Campo de Marte, com planadores rebocados por automóveis.

Após um período instalado em Cumbica, Guarulhos, o Clube foi transferido, com o IPT, para a Cidade Universitária, onde ressurgiu como Clube Politécnico de Planadores, depois Aeroclube Politécnico de Planadores. No *campus* da USP, passou a contar com hangar, pista, residência do caseiro e depósito de combustível, ao lado da atual raia olímpica. O Aeroclube Politécnico permaneceu na Cidade Universitária por 20 anos, até ser transferido, em 1961, para Jundiaí, onde permanece.



## Luiz Ishida, engenheiro, 71 anos e a mesma paixão de voar de quando tinha 16

“NAQUELA ÉPOCA, EU MORAVA EM PINHEIROS E IA DE BICICLETA À CIDADE UNIVERSITÁRIA. JÁ HÁ ALGUNS ANOS ESTOU ESCRREVENDO A HISTÓRIA DO MEU CLUBE, PARA QUE A CIDADE NÃO SE ESQUEÇA DE QUE, QUANDO NÃO HAVIA AEROPORTOS, JÁ SE VOAVA PELOS CÉUS PAULISTANOS E PARA QUE AS HISTÓRIAS NÃO SE PERCAM.”

“Em 1958, quando tinha ainda meus 16 anos, eu já era aeromodelista e tinha uma atração fatal por planadores. Foi quando descobri que poderia fazer um curso no Aeroclube Politécnico de Planadores, na época com outro nome, que funcionava ao lado da raia olímpica na Cidade Universitária.

Conseguida a permissão de meus pais, descendentes de japoneses imigrantes, empreguei-me como *office boy* no centro da cidade, para financiar o sonho de voar. Esse curso mudou a minha vida. Descobri que no voo a vela você é muito dependente de sua equipe para sair do chão, mas, quando você voa, está só. Você precisa de ajuda, e todos ajudam. Não existe competição. Quer dizer, passei a ajudar as pessoas de forma desinteressada e a dar um enorme valor à segurança.

Quando você está lá em cima sozinho é que você acaba tomando um banho de humildade.

Naquela época, eu morava em Pinheiros e ia de bicicleta à Cidade Universitária. Já há alguns anos estou escrevendo a história do meu clube, para que a cidade não se esqueça de que, quando não havia aeroportos, já se voava pelos céus paulistanos e para que as histórias não se percam.”



## **A paineira do Butantã**

Nos primeiros tempos, era ponto de referência para viajantes que por ela se localizavam.

Depois, tornou-se ponto de encontro de moradores e trabalhadores. Viveu durante muitas décadas numa ilha, entre a Francisco Morato e a Vital Brasil. Está presente na memória das pessoas e é lembrada com emoção.



vida











## FLUXO, MOVIMENTO

Como a cobra que dá a identidade ao bairro e a seus mais de 430 mil moradores, o Butantã movimenta-se muito rápido. Em todas as direções. O fluxo é denso e complexo. As ruas, os subterrâneos, os meios de transporte e as pessoas serpenteiam por toda a região.

As complexas malhas viárias, tecidas com fios visíveis e invisíveis entrelaçados por diferentes artérias, são ocupadas por veículos que adjetivam suas trajetórias: rodoviária, metroviária e ferroviária, aérea e urbana. Pode-se ver, quase que simultaneamente, a variada gama de transportes que preenche o mundo moderno: automóveis, ônibus, caminhões, trens, aviões e helicópteros, motocicletas e bicicletas. Sem contar o modo mais antigo de percorrer distâncias: as próprias pernas.



## TEMPO DE LAZER

O *campus* da Universidade de São Paulo foi construído para a hospedagem dos atletas, nos Jogos Pan-americanos de 1963. Sua flora preservada e seus grandes espaços são um convite ao movimento tranquilo, fora do circuito cotidiano dos 56 km<sup>2</sup> do bairro. Nesse cenário convidativo, distante de ruas e avenidas, de automóveis e do trânsito de pessoas na estação do metrô, ciclistas aproveitam o fim de semana para, simplesmente, pedalar, ir em frente, viver.



## João Santos Dutra, mecânico

“HÁ 16 ANOS TENHO ESSA OFICINA. DE DOMINGO A DOMINGO, ESTOU AQUI. NÃO É POR OBRIGAÇÃO, É POR PRAZER MESMO.”

“Aos nove anos de idade, saí de Caráiva, na Bahia, e vim com minha família para São Paulo. A gente veio para o Butantã, e eu não saí mais daqui. É um bairro muito bom e ainda tem um jeito de vila, de lugar pequeno. Todo mundo se conhece, se cumprimenta, principalmente a gente que é ‘antigão’. As mudanças tiraram um pouco da nossa tranquilidade, é verdade, mas a vantagem é que aqui é o centro de tudo. Estamos perto do *shopping*, da universidade, da rodoviária, do metrô.

Logo que cheguei a São Paulo, estudava e, ao mesmo tempo, trabalhava numa oficina de bicicletas. Fui aprendendo aos poucos como era o serviço. Há 16 anos tenho essa oficina. De domingo a domingo, estou aqui. Não é por obrigação, é por prazer mesmo.

Quando tenho tempo, gosto de ir à feirinha do bairro e não perco as festas do Bumba Meu Boi que acontecem três vezes ao ano no Morro do Querosene, onde eu moro com a minha mulher e meus dois filhos.”



## O METRÔ MUDA A DINÂMICA

Quem chega à avenida Vital Brasil não consegue deixar de admirar o edifício metálico da Estação Butantã do metrô. Quando foi inaugurada, em 28 de março de 2011, os moradores sentiram que a novidade iria mudar a cara do bairro. O fluxo de pessoas aumentou, e o comércio passou por transformações significativas. O restaurante Savana, que se instalou no lugar da antiga padaria São Geraldo, começou suas atividades 15 dias após a inauguração da estação, renovando o cenário local. Onze pequenos comércios instalaram-se no andar superior do restaurante, revelando essa intensa dinâmica econômica e social. Com o metrô, chegaram também, na avenida Vital Brasil e cercanias, as lojas de grandes redes, como a Drogasil, o Minimercado Extra, a Kalunga, a Lacoste, a Luigi Bertolli, a concessionária de motos Honda e outras.

Nesta página, área externa da Estação Butantã do metrô. Na página ao lado, escada de acesso às plataformas de embarque.



## **Antonio Martins Rodrigues dos Santos, da Ferragens Tamoio**

“AQUI AINDA SE PERCEBE UM AMBIENTE BUCÓLICO, DE FAMÍLIA. EXISTE UMA RELAÇÃO DE VIZINHANÇA, TODO MUNDO SE CONHECE. É A INFRAESTRUTURA TAMBÉM É MUITO BOA.”

“Nasci em Amparo, no interior de São Paulo, mas logo vim morar no Butantã. Cheguei aqui com quatro anos de idade. Em 1948, meu pai abriu o Depósito Tamoio, que vende ferragens e ferramentas.

Estudei numa escola estadual em Pinheiros. Nessa época, o Butantã era discriminado. Os colegas diziam: ‘ah, você mora para lá da ponte...’. O bairro demorou um pouco para deslanchar, por causa dessa proximidade de Pinheiros. Havia uma dependência.

Comecei a trabalhar na loja em 1965. Virei o sucessor do meu pai. Moro aqui pertinho com a minha mulher, só preciso andar um quarteirão. Minha filha também mora aqui com meu genro e minha neta. Nunca pensei em viver em outro lugar. Está no sangue... Aqui ainda se percebe um ambiente bucólico, de família. Existe uma relação de vizinhança, todo mundo se conhece. E a infraestrutura também é muito boa. Tem tudo.”









## ARTE DE RUA

Cultura popular e política intelectual entrecruzam-se no Butantã, gerando diferentes manifestações, as quais, de uma forma ou de outra, compreendem uma prática de resistência. Artistas plásticos, poetas, grafiteiros e pintores procuram ocupar o espaço público e cultivar uma arte que se distancia da cultura de massa homogeneizada. Praticam a arte de rua. Lutam pela liberdade de expressão em oposição ao silêncio.

Nas páginas anteriores, pinturas em muros, colunas e postes do Butantã e a irreverência expressa em frases e grafismos. Nesta página, o símbolo do bairro desenhado em um muro e a crítica social na imagem de dois homens com roupas e posturas distintas.





## Jorge Luiz Gomes da Silva, o D’Olynda Brasil, artista

“O BAIRRO TEM UM VÍNCULO CULTURAL MUITO FORTE E RECEBE BEM AS PESSOAS QUE VÊM DE OUTROS ESTADOS. É UM CELEIRO ARTÍSTICO.”

“Nasci em Olinda (PE) e depois de morar em Salvador, vim para São Paulo. Cheguei em 1999, e, como todo nordestino, vim em busca de oportunidades. Queria mostrar meu trabalho, a minha arte.

Sou órfão de pai e mãe. Comecei a pintar aos 13 anos, mas já nasci artista. Aqui, conquistei certo reconhecimento e participei de algumas exposições, como a *Naif Brasil Viva Cores*, que aconteceu em 2012 e comemorou meus 25 anos de carreira.

Quando cheguei à cidade, passei um tempo na Vila Madalena, mas há 16 anos moro com a família no Morro do Querosene, onde também funciona o meu ateliê. A comunidade apoia o meu trabalho. Antes, tinha muita pichação nas ruas, e aí nós fizemos um projeto chamado Muros do Querosene, que durou cinco anos.

Os moradores escolhiam o desenho – poderia ser uma árvore, um santo, um orixá –, e, a partir do pedido deles, eu e outros artistas fizemos essas intervenções nos muros, que são a fronteira entre as casas e as ruas. Foram mais de 100. Na verdade, eu pinto tudo o que aparecer: poste, bueiro, camiseta, tela...

O bairro tem um vínculo cultural muito forte e recebe bem as pessoas que vêm de outros estados. É um celeiro artístico.”

Fachada do prédio da Galeria Leme. Nas páginas seguintes, imagens do interior da galeria.

## OUTRAS ARTES

A arte de rua convive com as manifestações que frequentam espaços privados, complementando-se e permitindo a diversidade de propostas e modos de circulação de objetos artísticos. A Galeria Leme, aberta em 2004, destaca-se pelo seu pioneirismo. Ela movimenta o bairro, com exposições inovadoras de artistas brasileiros e internacionais e um acervo voltado para a arte latino-americana. Desde 2012, ocupa o prédio número 130 da avenida Valdemar Ferreira, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha.







## Fernando Lemos, artista plástico

“MESMO QUE NEM TODOS SE CONHEÇAM, A DISPOSIÇÃO DE ‘FESTEAR’ SUPERA A BARREIRA E FAZ AMIZADES.”

“Há uma juventude interessada no Butantã: gente jovem, com preparo, corajosa. Além dos filhos de militantes dos anos 1970, há filhos dos fundadores das manifestações culturais e outros jovens que chegaram mais recentemente e se ligaram às festas e à cultura local. Os filhos do Dinho Nascimento, por exemplo, são muito atuantes no bairro: estão à frente da ONG Treme Treme, que dá oficinas culturais para a população, e criaram o Jovem Consciente, um movimento de estímulo à cidadania. Outros jovens, menos engajados na militância, não deixam de participar, tanto das grandes festas como das muitas festinhas que rolam no bairro. Mesmo que nem todos se conheçam, a disposição de “festear” supera a barreira e faz amizades.

Entre as manifestações culturais, o Bumba Meu Boi, típico folclore maranhense, é hoje uma marca da comunidade, uma grande festa em que todo mundo participa, até porque invade as ruas e as casas.

Aqui no meu ateliê, liberei uma parede para que pessoas que passam na rua possam escrever. É um espaço neutro, para atrair novas formas de expressão.

A frase que eu escrevi foi ‘Não me mande, senão eu me mando’.





## ARTE ESPONTÂNEA

Além da arte de rua e daquela que é mostrada em galerias e museus, o Butantã também exhibe a criatividade espontânea de comerciantes e prestadores de serviços, que expõem formas imprevisíveis nas fachadas de seus pontos comerciais. A composição feita com calotas, lanternas e outras peças de automóveis, que está nas duas páginas anteriores, e a arrumação dos objetos de uma loja de materiais de demolição, nestas páginas, demonstram isso.





## Elisabeta Malagoli, da Chocolates Liverpool

“ABRIMOS A FÁBRICA EM 1971, MAS O ALDO NÃO QUERIA NEM COLOCAR LOJA EM FRENTE. EU FALEI: ‘PÕE UMA PORTINHA, NÃO CUSTA!’ E AQUELA PORTINHA COMEÇOU A FICAR CONHECIDA.”

“Vivo aqui há 46 anos, sou testemunha da transformação do Butantã. Meu marido, Aldo, e eu temos uma firma, a Chocolates Liverpool, aqui na Vital Brasil. A história da nossa empresa começou quando o Aldo parou de jogar e se perguntou: ‘e agora? Eu faço o quê?’. Foi um amigo nosso, aqui do bairro também, o Agostinho Fillipelli, que deu a ideia: ‘por que você não vende chocolate?’ O Aldo topou e começou a revender na feira o chocolate de uma empresa italiana. Como era muito conhecido na época, sua nova atividade saiu no jornal, e as vendas dispararam. Vendia tão bem que, seguindo o conselho de uma tia minha, passamos a fabricar o chocolate.

Abrimos a fábrica em 1971, mas o Aldo não queria nem colocar loja em frente. Eu falei: ‘Põe uma portinha, não custa!’ E aquela portinha começou a ficar conhecida. Nosso produto era muito parecido com o da Kopenhagen, e o preço era menor. As pessoas iam lá com uma caixa da Kopenhagen, punham o nosso produto e davam de presente. Começou a fazer fila na Vital Brasil na época da Páscoa. Não dávamos conta da demanda de entregas no atacado, por isso tivemos que parar e só vender na loja.

De lá para cá, entretanto, mudou muito. Chegou o McDonald’s, depois a faculdade e agora, depois do metrô, o comércio cresceu que é uma maravilha! A procura do nosso chocolate aumentou muito também. Não podemos reclamar daqui.”





Na página anterior, estudantes chegam para uma visita ao Instituto Butantan. Nesta página, tomam contato com a ciência.

## VISITA AO INSTITUTO BUTANTAN

O Instituto Butantan oferece muitos atrativos para os visitantes. Afinal, trata-se de um dos maiores centros de pesquisa do mundo, o único que, não sendo de capital privado, consegue controlar todo o ciclo da biotecnologia. Cerca de 400 Ph.Ds, alguns considerados topos em suas respectivas especialidades, trabalham no instituto. De seus 34 laboratórios e oito fábricas saem 51% das vacinas e 56% de soros para uso profilático e curativo do Brasil. Crianças e jovens tomam contato com a ciência, e, em alguns deles, a vocação científica é despertada. Nas visitas, eles têm aulas monitoradas de Microbiologia, conhecem os laboratórios, a produção de vacinas e as pequenas fábricas inovadoras voltadas para os mais avançados ramos da biotecnologia.

## CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE

Da área total de cerca de 80 hectares do Instituto Butantan, mais de 60% são de área verde. A preservação do seu parque ambiental está entre as principais atividades da instituição. As árvores estão identificadas e catalogadas. Os biólogos também estão pesquisando os pássaros migratórios que passam por ali. Cerca de 140 espécies já foram identificadas. O parque recebe mais de 300 mil pessoas por ano. Além de desfrutar da área verde, elas também podem visitar os museus Biológico, de Microbiologia, Histórico e Emílio Ribas. Cerca de 3 mil pessoas trabalham no Instituto Butantan.

Nesta página, escadaria e fachada do prédio do Instituto Butantan. Na página ao lado, trecho do parque.





## José Amaro Barbosa, da Trivial Pizzaria

“É UM LUGAR BONITO, COM UMA POPULAÇÃO EDUCADA E DE BOM PODER AQUISITIVO.”

“Vivo no Butantã há 35 anos. Quando cheguei aqui, lembro de que havia muito verde, era um lugar bem tranquilo. De vez em quando é que se via um ônibus passando... Você olhava para a avenida Vital Brasil às 9 horas da noite e já não havia movimento nenhum. Agora, aqui virou o centro.

A poucos metros de casa fica a Trivial Pizzaria, que abri com um sócio há 25 anos, por iniciativa da minha mãe. O Butantã tem uma localização estratégica, e o nível dos moradores também é muito bom. É um lugar bonito, com uma população educada e de bom poder aquisitivo.

Acredito que o bairro continuará crescendo. Com o aumento do comércio e da movimentação, a tendência é que haja mais edifícios, o que valoriza a região.”

butantã

um bairro em movimento





## CONHECIMENTO E ARTE

A presença da maior universidade da América Latina é motivo de orgulho para os moradores do Butantã. Ao lado do Instituto Butantan, a Universidade de São Paulo (USP) é um dos grandes motores do desenvolvimento do bairro. Os dois importantes centros de pesquisa e conhecimento brasileiros conferem um valor especial à região.

Além de suas faculdades e centros de pesquisa, espalhados por mais de 60 prédios (auditórios, bibliotecas, edifícios especializados e multifuncionais, ginásios, hospitais e moradias), a USP mantém cinco museus, entre os quais o Museu de Arte Contemporânea (MAC), que recebeu o acervo do antigo Museu de Arte Moderna de São Paulo. Criado em 1963, o MAC completa 50 anos em 2013.

Nas páginas anteriores, obras do Museu de Arte Contemporânea (MAC) expostas ao ar livre. Nesta página, a Praça do Relógio, na Cidade Universitária, tendo ao centro uma torre projetada pelo arquiteto Rino Levi.



Áreas do prédio da FAU, na Cidade Universitária, cujo projeto recebeu, em 1985, o Prêmio Jean Tshumi, da União Internacional dos Arquitetos.

## LINHAS CONTEMPORÂNEAS

Projetado por Vilanova Artigas, o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, na Cidade Universitária, com grandes áreas funcionais e espaços livres, é uma das marcas inspiradoras da arquitetura contemporânea do Butantã. Fundada em 1948, a FAU oferece cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design, que são referência de qualidade internacional.



## Paulino Reinaldo Souza, proprietário do Beco da USP

“O CAFÉ PARIS TEVE SEUS MOMENTOS DE GLÓRIA NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980, FREQUENTADO POR INTELLECTUAIS, ARTISTAS E ESTUDANTES DA USP. EU ME ENTUSIASMEI COM A HISTÓRIA, COMPREI O NEGÓCIO E REFORMEI O ESTABELECIMENTO. ESTOU ADORANDO.”

“Saí de Crateús, no sertão do Ceará, para o Rio de Janeiro, para ajudar minha tia a vender sorvete na praia. Eu tinha 12 anos e, depois que ela faleceu, já estava acostumado ao Rio e não quis voltar. Continuei a vender sorvetes até ter o meu primeiro emprego, aos 17 anos, como ajudante de garçom. Depois fui fazer o curso do Senac, no Grande Hotel, em Águas de São Pedro, no interior paulista.

Resolvi ficar em São Paulo e me virar por aqui: fui garçom, *barman*, *maître*, gerente de lugares como o Le Coq Hardy, Danton, Show Days Saloon, Up & Down e Palace. A decisão de abrir o Beco da USP, um bar onde já houve um estabelecimento do gênero, o Café Paris, na Waldemar Ferreira, exigiu alguma coragem. O Café Paris teve seus momentos de glória nas décadas de 1970 e 1980, frequentado por intelectuais, artistas e estudantes da USP. Eu me entusiasmei com a história, comprei o negócio e reformei o estabelecimento sem fechá-lo. Estou adorando. Tem dias que tenho que ficar na Vila Olímpia, onde tenho outro bar, mas fico aborrecido por lá. Gosto mesmo é daqui. Já estou me sentindo em casa na região, principalmente com os alunos da USP. Eles me dizem o que querem, e eu preparo. Aprendi a cozinhar no Senac, mas a cozinha não é meu forte. Meu forte é o atendimento. Gosto de atender os clientes. Meu negócio é trabalho, 16, 17, 18 horas por dia.”

butantã

um bairro em movimento

## O REI DAS BATIDAS

O Rei das Batidas tem uma história muito forte no Butantã, ligada ao universo da USP. Foi inaugurado por volta de 1970, pouco tempo depois que o Curso de Filosofia começou a se mudar para a Cidade Universitária. Logo se tornou “point” dos uspianos. Ficava ao lado dos pontos de ônibus e era um dos poucos bares do bairro que tinham mesas na calçada. Sem contar as batidas, que faziam a cabeça da moçada nas tardes de sexta e sábado.

Nos anos seguintes, outro fator de aglutinação fez crescer a clientela estudantil do “Rei”: o movimento estudantil. A turma se reunia também ali antes de sair para as passeatas. Outras pessoas, não uspianas, mas simpatizantes do movimento, também começaram a participar. O bar continuou sempre cheio nos anos seguintes e, com o tempo, outras iniciativas de agito cultural e político tomaram corpo ali, como o Movimento contra a Carestia e a Bantantan, a banda do bairro, que começou a surgir naquelas mesas na calçada.

Nestas páginas, grafite em muro marca o território do Morro do Querosene, e a comunidade celebra a Festa do Bumba Meu Boi. Nas páginas seguintes, mais festa no morro, novamente com elementos da cultura nordestina, como a sanfona e o chapéu de couro.

## CULTURA POPULAR NO MORRO

Área muito peculiar do Butantã é o Morro do Querosene, onde vivem artistas e intelectuais de várias regiões do Brasil. Da Bahia, trouxeram a cultura da capoeira, o samba de roda, o som do berimbau e da percussão negreira. Do Maranhão, o folclore com as danças populares e a festa do Bumba Meu Boi. Ao longo dos anos, pequenas festas caseiras e familiares foram ocupando as ruas do morro e contagiando os moradores. Esse movimento comunitário é uma forte característica dos trabalhos de cultura popular no morro.







## **Maria Benedita de Melo y Paves (Dona Benê), empregada doméstica**

“CRESCI AQUI, ESTUDEI NA ESCOLA ALBERTO TORRES. SOU MUITO GRATA POR ESSA VIVÊNCIA E PELA COMUNIDADE, QUE ME AJUDOU NA CRIAÇÃO DE MEUS SETE FILHOS, QUE ME DERAM 20 NETOS.”

“Tenho 64 anos de idade e 50 de Butantã. Vim de Osasco. Meu pai veio trabalhar numa pedreira no Morro do Querosene e se mudou para cá. Cresci aqui, estudei na Escola Alberto Torres. Sou muito grata por essa vivência e pela comunidade, que me ajudou na criação de meus sete filhos, que me deram 20 netos.

Minha mãe era lavadeira, e eu ia com ela para o rio, para ajudar no serviço.

Ela ficava cantando umas cantigas... Acho que foi ali que comecei a gostar de música e de dança. Quando estou dançando, saio deste universo. É como se eu estivesse renascendo para enfrentar a vida.

Trabalho de empregada doméstica e também revendo roupas, bijuterias, *lingerie*... Faço de tudo um pouco. Nunca fugi de trabalho, tinha que criar meus sete filhos. Mas também não recuso convite pra uma festa. O pessoal me chama sempre, e eu vou. Há mais de 20 anos tem aqui no Morro do Querosene a Festa do Boi, e eu estou sempre no meio. Também faço parte da Associação Cultural e já participei de algumas peças. Aqui parece interior. A gente ainda senta na calçada, conhece os vizinhos, e todo mundo se ajuda.”



transformação



## CIDADE SOLIDÁRIA

Paulo Mendes da Rocha

É preciso esclarecer, antes de tudo, que a essência do que afirmo não são ideias minhas. São ideias correntes do urbanismo contemporâneo. A cidade é um *habitat* urbano, não há outro lugar para se viver que não seja a cidade. Seja qual for a cidade.

Hoje, já não se distingue tanto o lugar de trabalho e o lugar de morar, como antigamente se fazia. Hoje, a maioria das indústrias pode conviver perfeitamente com uma vida chamada urbana, e o que dá graça à cidade é essa intensidade da diversidade da vida, em suas diversas formas: comércio, diversões, habitação etc. Tudo deve coexistir: o estritamente residencial, o estritamente comercial, as atividades de lazer e cultura.

O momento atual pressupõe responsabilidade na construção e na gestão das cidades. Para isso, do ponto de vista político e intelectual, os setores público e privado devem se associar. Acredito que o momento é mesmo de solidariedade absoluta. É preciso que se trabalhe em parceria para que, à medida que se construa, ou que se venda um produto, isso seja parte de um plano, previsto com antecedência e com resultados desejáveis.

A graça da cidade é que ela alimenta a imprevisibilidade da vida. Se há transporte público à disposição, é possível sair do escritório e ir ao bar para conversar com os amigos. Lá, um físico conversa com o operário, que, por sua vez, conversa com quem está do lado, que é um homem de teatro: isso é que faz a parte criativa da cidade, alimenta a imaginação. E se você se distrai com essa conversa pode até perder o metrô, porque daí a dois minutos terá outro. Nessas conversas, você fica sabendo de uma peça de teatro interessante em cartaz e pode telefonar para uma amiga; e ela, com o metrô disponível, em poucos minutos, estará no mesmo bar, e, uma hora depois, vocês irão ao teatro. E, naquela noite, você não voltou para casa na hora de sempre, mas ampliou a disponibilidade do tempo livre.

Visitantes na Biblioteca Brasileira, na Universidade de São Paulo.

No caso do Butantã, a tendência de ser um local de passagem é coisa de outra época. Hoje, uma de suas principais marcas é a Cidade Universitária. São milhares de cidadãos dedicados a uma coisa só, que é o ensino e suas correlações, pesquisa e trabalho. Outra marca decisiva do bairro é o Instituto Butantan, outro centro de pesquisa muito especializado. Uma cidade densa, extraordinária e forte como Paris é absolutamente marcada pelo bairro onde está a sua Bobigny, a escola de Belas Artes, o famoso Quartier Latin etc. O Butantã tem uma marca forte ligada ao conhecimento, e, do ponto de vista da mecânica da cidade, o bairro é um eixo de cruzamento, historicamente um ponto de encontro para novas partidas.

O bairro do Butantã é particularmente interessante pelo fato de estar instalado onde as coisas sempre foram energeticamente dinâmicas, sejam as primeiras expedições, que lhe deram origem, seja agora com a universidade plena ali instalada. Fundar uma cidade universitária onde justamente não havia cidade, como São Paulo fez, poderia ter sido uma estratégia questionável – o ideal era a universidade dentro da cidade. Mas, hoje em dia, vemos que a situação se corrigiu porque a cidade chegou lá. Dessa forma, só a expectativa de abrir o recinto da chamada Cidade Universitária, desvendar aquilo tudo para a população, sem interromper as pesquisas e possibilitar para a opinião pública gozar da formação das futuras gerações, dá uma força enorme ao bairro, o que, sem dúvida nenhuma, o distingue.

A Cidade Universitária deve voltar agora a se expandir na cidade de São Paulo. A ideia é essa: a faculdade de Direito nunca saiu do centro, a própria faculdade de Medicina mantém-se no seu lugar de origem, e somam-se agora ao que se chamou Cidade Universitária. que pouco a pouco vai se expandindo por toda a cidade de São Paulo.

Mas a razão fundamental das cidades é o conjunto de serviços: o esgoto, lixo, transporte público, ensino e saúde. E ela precisa se organizar de forma solidária para isso. Se pensarmos no futuro do Butantã, nos frutos que dará, creio que tudo lá vai frutificar como um lugar estratégico. O desejo maior é que isso tudo deixe de ser problema para ser horizonte de projetos para a nossa vida florescer.



## Antonio Alves Bezerra, do Supermercado Padrão

“TEMOS 200 FUNCIONÁRIOS E 30 MIL ITENS PARA O PÚBLICO DA REGIÃO. MAS ESTAMOS SEMPRE REFORMANDO. TEMOS QUE TER MUDANÇAS. ELAS SÃO CONSTANTES. NÃO PODEMOS NOS CANSAR DE MUDAR.”

“Cheguei a São Paulo com 17 anos. Morava em Panelas de Miranda, no distrito Boca da Mata, no agreste pernambucano. Vim para cá com um amigo da família e fui trabalhar de pedreiro. Depois o patrão me chamou para trabalhar na sua loja, no Brás, como ajudante de motorista, fazendo entregas no atacado. Acabei como padeiro na Galeria dos Pães, na rua Estados Unidos, onde fiquei por quatro anos. Quis mudar de ramo, mas como só tinha experiência com pães, vim pra Padaria São Geraldo, no Butantã.

Anos depois, montei um restaurantezinho. O negócio funcionou e foi em frente, até virar supermercado. Hoje estamos num espaço privilegiado na avenida Vital Brasil, com 200 funcionários e 30 mil itens para um público específico da região. Mas estamos sempre reformando. Temos que ter mudanças. Elas são constantes. Não podemos nos cansar de mudar, atualizando os produtos de acordo com os interesses do momento. Meus clientes são desembargadores, juízes, advogados, médicos, dentistas que moram na City Butantã. Estou sempre ouvindo o que eles querem. Aprendi a conviver com as reclamações. As críticas me trazem, barato, muitas informações.”



## **É SEGUE A FESTA**

Na página da esquerda, três moças exibem suas fantasias durante festa no Grupo Escolar Rural Alberto Torres, em 1936, e, acima, três músicos animam o cortejo de rua no Morro do Querosene, em 2013. A tradição festiva do Butantã vem de longe e continua viva. O Butantã se transforma, mas, de certo modo, se mantém o mesmo.



## CONEXÃO BUTANTÃ

Na primeira metade do século passado, o ônibus conhecido como jardineira transportava pessoas até o Butantã. O da foto na página ao lado fazia a linha Pinheiros-Butantã. De lá para cá, a transformação foi imensa. Hoje, quem se dirige ao bairro pode se servir de diversos meios de transporte, entre os quais os trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). A linha 9 dos trens metropolitanos, que se estende de Osasco a Grajaú, passando por 18 estações, entre as quais a de Pinheiros, percorre quase toda a extensão do rio e serve aos passageiros do Butantã.



## Elisa Rocha Lima, professora

“DEPOIS DE PASSAR POR ALGUNS BAIRROS, ESTOU MORANDO AQUI HÁ DOIS ANOS. É A MELHOR REGIÃO DA CIDADE. TEM TUDO: O INSTITUTO BUTANTAN, A USP, HOSPITAIS, ESCOLAS. É A PÉROLA DE SÃO PAULO.”

“Trabalho há 15 anos na Escola Estadual Alberto Torres, inaugurada em 1932. Sou professora de História e, depois de reestruturar a biblioteca, que hoje conta com 10 mil livros, passei a pesquisar a memória do lugar. Foi a primeira e única escola rural da capital. Até 1954, o ensino era voltado para as necessidades campesinas. Escrevi um livro para registrar essa experiência.

A partir daí, a escola tornou-se pioneira em outra modalidade inovadora, o ensino vocacional, com aulas de cerâmica, marcenaria, elétrica, como os cursos técnicos de hoje. Em 1964, tudo isso foi abandonado e substituído por práticas convencionais. Agora, estamos passando por uma nova reformulação. No ano que vem, vamos atender apenas ao Ensino Médio e em período semi-integral.

Muitos moradores do Butantã estudaram aqui na escola. Na minha pesquisa, converso com alguns deles e tento trazê-los de volta para a sala de aula, para que possam inspirar a nova geração.

Sou paulistana e, depois de passar por alguns bairros, estou morando há dois anos no Jardim Ester (Grande Butantã) com a minha filha. Aqui é a melhor região da cidade. Tem tudo: o Instituto Butantan, a USP, hospitais, escolas. É a pérola de São Paulo.

Além do comércio variado, há um clima de familiaridade e aconchego. As pessoas se cumprimentam nas ruas, há um vínculo, algo que não se encontra mais em outros locais.”

## ESCOLA E PARQUE

Entre as diversas escolas públicas do Butantã está o CEU (Centro Educacional Unificado) Butantã, um dos marcos da arquitetura do bairro. Inspirados na ideia da Escola Parque, do educador baiano Anísio Teixeira, os CEUs constituem-se em espaços voltados para uma nova educação em uma nova urbanidade. No CEU Butantã, a ideia arquitetônica foi a de criar uma nova síntese entre ação social e ação ambiental, com um curso de água emoldurado por piscinas e quadras poliesportivas. Nos fins de semana, cerca de dois mil moradores da região frequentam os equipamentos da escola.



Fachada do prédio da Odebrecht e trabalhadores durante a sua construção.

## PEQUENAS E GRANDES EMPRESAS

O prédio da Odebrecht, com 18 andares, é o mais novo empreendimento erguido no Butantã. A escolha do Butantã pela Odebrecht para abrigar sua sede em São Paulo revela a valorização do bairro. Além disso, cerca de 1.500 pessoas, ocupantes do prédio, passam a frequentar a região e a utilizar seus serviços, injetando, diariamente, novos recursos no comércio local. Outras grandes empresas também estão no bairro, que passa a ter a convivência dos pequenos negócios tradicionais com a realidade corporativa das grandes organizações.



## A NOVA TRANSFORMAÇÃO

De caminho de passagem para índios e bandeirantes, de entroncamento, de porta de entrada para a cidade de São Paulo ao longo dos anos, o Butantã parece hoje viver uma nova transformação. Alguma coisa acontece no coração do bairro. Muitos novos moradores, como arquitetos e artistas plásticos, estão se fixando na região, como também novos polos de desenvolvimento, como o novo prédio da Odebrecht, as já instaladas Johnson & Johnson e a faculdade São Judas Tadeu, a inauguração da Biblioteca Brasileira (doadada pelo bibliólogo José Mindlin) na Cidade Universitária e o Centro Integrado de Educação Butantã, que deve voltar ao seu prédio de origem, dentro do complexo do Instituto Butantan. Qual o significado de tudo isso? Ninguém sabe. O futuro dirá. Todos movimentam-se para se adaptar às mudanças. Uma coisa, porém, já é certa: a região valorizou-se e hoje é um dos bairros mais procurados para moradia e comércio na cidade de São Paulo.









butantã

um bairro em movimento

“SE PENSARMOS NO FUTURO DO BUTANTÃ, NOS FRUTOS QUE DARÁ, CREIO QUE TUDO LÁ VAI FRUTIFICAR COMO UM LUGAR ESTRATÉGICO. O DESEJO MAIOR É QUE ISSO TUDO DEIXE DE SER PROBLEMA PARA SER HORIZONTE DE PROJETOS PARA A NOSSA VIDA FLORESCER.”

PAULO MENDES DA ROCHA

## CRÉDITOS DA ICONOGRAFIA

- 18-19** Edmund Pink. Panorama da Cidade de São Paulo tomado de uma elevação à direita do Caminho de Itu, 1823, aquarela. Acervo Bolsa de Valores Mercadorias e Futuro, São Paulo. Fotografia Rômulo Fialdini
- 20-21** Carta de d. Luís de Céspedes Xéria executada em 1628. Cópia de 1917. In Taunay, Affonso d' Escragnole. Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga - São Paulo: Melhoramentos, volume I, 1922. Acervo Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Fotografia Hélio Nobre
- 22** Karmo. Ilustração da trilha do Peabiru, desenho, 2013
- 23** Vallandro Keating. Venda para o abastecimento de tropeiros. In Caminhos da Conquista, Ricardo Maranhão e Vallandro Keating. Terceiro Nome, 2008. São Paulo.
- 24** Vallandro Keating. Partida de uma tropa do Piques, no centro de São Paulo. In Caminhos da Conquista, Ricardo Maranhão e Vallandro Keating. Terceiro Nome, 2008. São Paulo.
- 25** Thierry Frères. Passage d'une rivière guéable, s.l., século XIX, litogravura, c. 28,2 x 22cm. In Debret, Jean Baptiste, 1768-1848. Voyage pittoresque et historique au Brésil. Tome deuxième. Paris [França]: Firmin Didot Frères, c, 1835. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro
- 28-29** Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Divisão Cadastral da 2a. Seção da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, 1916. Lit. Hartmann Reichenbach  
Coleção João Baptista de Campos Aguirra. Acervo Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Fotografia Hélio Nobre
- 30-31** Raul Goldschmidt. Vista do Butantan, tirada da Rua Eugenio de Medeiros, Pinheiros, São Paulo, década de 1920. Coleção Jurandyr Indio do Brasil Goldschmidt, São Paulo
- 32** Autoria indeterminada. Vista de localidade no Butantã, São Paulo, 1927. Acervo Companhia City de Desenvolvimento, São Paulo
- 33** Autoria indeterminada. Carroça de pequeno porte, também conhecida por "Caçamba", em rua de algum arrabalde distante da cidade de São Paulo, 1910 - 1920. Acervo Iconográfico/Casa da Imagem de São Paulo. Museu da Cidade de São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura do Município de São Paulo.
- 36** Autoria indeterminada. Família de migrantes Italianos. Sr. Guido Orlando e Família, São Paulo, s.d., 8 X 8 cm. Acervo Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Governo do Estado de São Paulo.
- 38** Autoria indeterminada. Olaria, possivelmente na várzea do Rio Tietê, São Paulo, s.d. Acervo Iconográfico/Casa da Imagem de São Paulo. Museu da Cidade de São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura do Município de São Paulo.
- 39** Raul Goldschmidt. Porto de areia da Rua Eugenio de Medeiros, Pinheiros, São Paulo, década de 1920. Coleção Jurandyr Indio do Brasil Goldschmidt, São Paulo
- 40** Autoria indeterminada. Outra leva de Imigrantes Nordestinos, [São Paulo], s.d., 13 x 17 cm. Acervo Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Governo do Estado de São Paulo.
- 42-43** Autoria indeterminada. Equipe de natação do esporte Clube Pinheiros com o mestre Fillinger, São Paulo, 1925. Acervo Centro Pró Memória Hans Nobiling, Esporte Clube Pinheiros, São Paulo
- 46-47** Estado Maior das Forças Armadas. Butantã, São Paulo, 1950. Acervo Companhia City de Desenvolvimento, São Paulo\*
- 47** Autoria indeterminada. Construção guias e sarjetas da Rua 3 no Butantã, São Paulo, 25.07.1942. Acervo Companhia City de Desenvolvimento, São Paulo
- 48** Autoria indeterminada. Rua 23 de Maio no Butantã, São Paulo, 10.10.1940. Acervo Companhia City de Desenvolvimento, São Paulo
- 49** Autoria indeterminada. Construção de Galeria da Rua 2 no Butantã, São Paulo, 03.08.1942. Acervo Companhia City de Desenvolvimento, São Paulo
- 50-51** Autoria indeterminada. Planta Butantan, 01 de julho de 1956. Acervo Companhia City de Desenvolvimento, São Paulo
- 54** Autoria indeterminada. Instituto Serumerápico, Butantan, Laboratório Provisório até 1914, onde se iniciaram os trabalhos do Instituto Butantan, São Paulo, década 1930. Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 55** Autoria indeterminada. Vista aérea do Instituto Butantan, São Paulo, década de 1930. Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 56** Autoria indeterminada. Vital Brazil demonstrando extração de veneno de serpente com Dorival Penteado e farmacêutico Bruno Rangel Pestana, São Paulo, s.d. Acervo Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 57** Autoria indeterminada. Serpentário do Instituto Butantan, São Paulo, s.d. Acervo Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 60** Autoria indeterminada. Time de futebol do Instituto Butantan, São Paulo, 1933. Acervo Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 60** Autoria indeterminada. Time de Futebol usando camisetas do Clube Atlético Butantan, São Paulo, s.d. Acervo Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 61** J. Talarico. Escola Rural Alberto Torres, São Paulo, 1939. Acervo Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 64-65** Missão francesa. Professores franceses reúnem-se para comemorar o sucesso da missão. Em pé, da esquerda para a direita: (1)?, (2)?, (3)René Thiollire, (4)Moura Campos, (5)?, (6)Afonso Taunay, (7)Etienne Borne, (8)Paul Bastide, (9)Paul Hugon, (10)Júlio de Mesquita Filho, (11)André Dreyfuss, (12)?, (13)Vicente Rao; Sentados, da esquerda para a direita: (1)?, (2)?, (3)Reynaldo Porchat, (4)?, (5)Theodoro Ramos, 1934, São Paulo. FFLCH/CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História "Sérgio Buarque de Holanda") / Agência Estado. USP/CCS/DVIDSON/Argus Documentação
- 66** Autoria indeterminada. Finalização da construção do edifício Adriano Marchini, sede do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, na fase de revestimento em 1965, São Paulo. Arquivo Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de São Paulo.
- 67** Primeiras turmas. Formandos e professores diante da Catedral da Sé, década de 1940, São Paulo. FFLCH/CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História "Sérgio Buarque de Holanda"). Agência Estado. USP/CCS/DVIDSON/Argus Documentação
- 70-71** Foto aérea do Campus da Capital, s.d., São Paulo. Fotografia Marcos Santos/USP Imagens
- 72** Luiz Ishida. Planador Grunau Baby II PT-PAB no Clube Politécnico de Planadores, São Paulo, 1960. Acervo Luiz Ishida, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 76** Sebastião de Assis Ferreira. Praça Jorge de Lima, São Paulo, 18.06.1970. Acervo Iconográfico/Casa da Imagem de São Paulo. Museu da Cidade de São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura do Município de São Paulo.
- 144** Autoria indeterminada. Festa no Grupo Escolar Rural Alberto Torres, São Paulo, 1936. Acervo Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda
- 146** Autoria indeterminada. Jardineira usada no transporte para o Instituto Butantan, São Paulo, s.d. Acervo Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo. Fotografia Ivson Miranda

\*A Companhia City de Desenvolvimento é a única titular do direito de uso e propriedade das marcas compostas pelas expressões CITY e CIA CITY.

**Agradecemos aos responsáveis pelos seguintes acervos e instituições, que se prontificaram a oferecer tempo, informações e imagens a este projeto.**

Acervo Bolsa de Valores Mercadorias e Futuro, São Paulo

Acervo Julio Abe Wakahara, São Paulo

Acervo Luiz Ishida, São Paulo

Acervo Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Governo do Estado de São Paulo

Biblioteca Brasileira, da Universidade de São Paulo

Casa da Imagem de São Paulo. Museu da Cidade de São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura do Município de São Paulo

Centro Pró Memória Hans Nobiling, Esporte Clube Pinheiros, São Paulo

Coleção Jurandyr Índio do Brasil Goldschmidt, São Paulo

Companhia City de Desenvolvimento, São Paulo

Editora Terceiro Nome, São Paulo

Embrapa Monitoramento por Satélite, São Paulo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Fundação Patrimônio da Energia de São Paulo

Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro

Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de São Paulo

Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, São Paulo

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional/Coordenadoria de Planejamento e Avaliação/Instituto Geográfico e Cartográfico, São Paulo. Governo do Estado de São Paulo

USP Imagens, São Paulo

Todos os esforços possíveis foram feitos para se determinar a autoria de todas as fotos usadas neste livro, o que nem sempre foi possível. Uma vez localizados os fotógrafos, a editora imediatamente se dispõe a creditá-los nas próximas edições.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B989

Butantã: um bairro em movimento / coordenação José Enrique Barreiro;  
ilustração Nick Neves. - 1. ed. - São Paulo: Versal, 2013.  
164 p. : il. ; 28 cm.

Inclui apêndice  
Inclui índice  
ISBN 978-85-89309-50-9

1. Butantã (São Paulo, SP) - História. 2. Bairros - São Paulo - História. 3.  
São Paulo (SP) - História.

13-04626

CDD: 981.61  
CDU: 94(815.61)

28/08/2013 30/08/2013